



OS MECANISMOS DO CONHECIMENTO SEGUNDO KONRAD LORENZ

176

O livro de Konrad Lorenz (1903-1989), intitulado *Atrás do espelho*, foi publicado em 1973. Uma obra ambiciosa que constituía uma tentativa original, isto é, oferecer uma visão global sobre os mecanismos cognitivos do homem. Segundo Lorenz, durante o processo em que todos os organismos se confrontam com os dados da realidade, realiza-se um certo tipo de adaptação. Esta adaptação, chamada filogenética, é um processo de conhecimento. Por outras palavras, qualquer tipo de adaptação aos dados da realidade externa revela que uma certa quantidade de informação sobre esta realidade foi assimilada pelo sistema orgânico.

O objectivo da obra em questão é compreender a actividade de conhecimento como fenómeno vivo, biológico. Lorenz tenta provar as suas ideias através de vários exemplos tirados do mundo dos animais e, ao mesmo tempo, chama a atenção para as semelhanças, mas também para as diferenças desses com a ordem humana.

O etólogo austríaco, neste livro, concertou mais profundamente as suas ideias sobre as influências exercidas pelo fundo genético e pela civilização sobre a consciência humana. O seu subtítulo, *Uma pesquisa por uma história natural do conhecimento*, aparentemente indica um estudo epistemológico, mas a sua verdadeira contribuição, modo geral, é ontológica.

Na introdução, o autor sublinha a problemática da praxe teórica que alimenta a divisão rígida entre as ciências naturais e humanas. Considera esta visão, de modo geral, errada e a qual de nos impede conhecermos melhor o mundo. O ponto de partida do livro é a interpretação do conceito de *a priori* de Immanuel Kant que se baseia na concepção de que a experiência (a recepção passiva das impressões) não resulta em conhecimento. Na primeira fase da elaboração do conhecimento fictício ocorre a captação sensorial da realidade de forma limitada pelos nossos próprios sentidos que se baseia no conceito do *númeno*, ou seja, olhar para a realidade tal como existe. No lado oposto encontra-se o *fenómeno* que se baseia nas intuições empíricas e que provém, através de estruturas *a priori* do indivíduo, das *Formas da Sensibilidade* tal como a inteligibilidade sensível, intuições puras/condições transcendentais: mais concretamente Espaço e Tempo, etc. Na parte inicial da sua obra Lorenz coloca a seguinte questão: como é que pode ser percebida a noção do *a priori* sem conhecermos a história evolutiva dos organismos?

Lorenz, muito fascinado pelas questões epistemológicas, inicia uma discussão sobre a percepção da realidade, e formula críticas relativamente ao realismo ingénuo e ao idealismo.

A frase com que ele encerra a parte introdutória do seu livro explica também a escolha do título. Lorenz afirma que «o realista ainda continua a olhar para o mundo exterior e não sabe que ele mesmo é um espelho. O idealista ainda continua a olhar para o espelho e vira-se de costas ao mundo real. O espelho tem um lado traseiro que o coloca na mesma linha que os objectos reais reflectidos por ele: o aparato fisiológico, cuja função é conhecer o mundo exterior, não é menos real do que o próprio mundo exterior. Este livro trata deste lado traseiro do espelho»¹.

Segundo Lorenz é importante tentar contornar a substância do espírito humano, e aquelas características das faculdades humanas que permitem a acumulação das

¹ LORENZ, Konrad, *A tükör hátoldala. Az emberi megismerés természetrajza*, Budapest, Cartaphilus, 2005, p. 49-50. Tradução minha.



informações acolhidas através da vontade, da percepção e do entendimento. Lorenz opta pelo *realismo hipotético*, como base teórica para descrever este processo. A ideia do realismo hipotético relaciona-se com a rejeição da epistemologia empirista tradicional que oblitera a distinção entre o conhecimento subjectivo e o conhecimento objectivo. O realismo hipotético é baseado na teoria da evolução dos conhecimentos, apresentados pela *epistemologia evolutiva*. O pressuposto básico é que a capacidade cognitiva humana evoluiu por meio de uma interacção com o mundo externo.

O etólogo austríaco apresenta os caminhos possíveis, partindo dos processos cognitivos, até à formação dos aparatos cognitivos mais complexos. Durante a evolução todos os seres vivos se adaptam ao ambiente. As disposições inatas dos organismos, cujas bases são encontradas na herança genética, não são imutáveis, antes pelo contrário, são seleccionadas pelo ambiente de acordo com o interesse prático de sobrevivência do organismo que influencia as suas tentativas de solução para os problemas que o ambiente suscita. Para o biólogo darwiniano o que importa são as modificações de um organismo frente aos desafios ambientais. Entretanto, as soluções dadas aos problemas surgidos criam outros problemas novos e imprevistos que exigem novas soluções. A consequência deste projecto é que nenhuma solução é definitiva.

Tudo o que sabemos do mundo provém de mecanismos filogenéticos para adquirir informação. O aparato cognitivo ganhou a sua forma presente através do contacto e da adaptação às coisas reais do mundo exterior. As nossas maneiras de pensar ou a própria percepção como causalidade, substância, qualidade, tempo e espaço são uma organização neuro-sensorial que evoluiu ao serviço de sobrevivência.

Lorenz apresenta uma revisão filogenética das formas de cognição. A forma mais primitiva de lidar com a informação é instantânea. Existem processos especiais que adquirem e explorem a informação instantaneamente, sem a armazenar. Esta capacidade cria a base das funções superiores da aprendizagem e da memória. Estas são programadas para conduzir e manter o organismo no melhor ambiente possível. A capacidade de elaborar informação instantânea é a base dos ciclos reguladores, como a *homeostase*, ou seja, a propriedade de um sistema aberto que tenta regular o seu ambiente interno para manter uma condição estável e os mecanismos de orientação.

Existem processos muito simples, como por exemplo a resposta amebóide, cinesia, resposta fóbica, resposta tópica ou taxia que orientam os animais primitivos (protozoários) no espaço sem começarem a armazenar informações. O processo que fornece informação instantânea apenas informa o animal sobre o momento ideal para desempenhar o padrão do comportamento particular.

Lorenz, na sua investigação, utiliza também os princípios do *Gestaltismo*, isto é as ideias da Psicologia da Forma. O ponto central do conceito de *gestalt*, articula-se com a ideia de que a percepção das entidades se realiza pelas suas propriedades enquanto *entidade* integral, e não pelas propriedades das suas partes isoladas.

Um dos conceitos importantes que são abrangidos nessa teoria é o fenómeno da *supersoma* que se refere à ideia de que não se pode ter conhecimento de *um todo* por meio de suas partes, pois o *todo* é maior que a soma de suas partes: «(...) "A+B" não é simplesmente "(A+B)", mas sim um terceiro elemento "C", que possui características próprias.»²

² LORENZ, Konrad, *A tükör hátoldala. Az emberi megismerés természetrajza*, Budapest, Cartaphilus, 2005, p. 137. Tradução minha.



Isto é, Lorenz defende que os organismos vivos possuem propriedades únicas, que não podem ser explicadas apenas pela soma das propriedades de seus constituintes isolados.

178

O conhecimento que os animais e os homens constroem do mundo é real e resulta do inter-relacionamento de causas e de efeitos entre um aparelho cognitivo e o mundo. O nosso sistema nervoso evoluiu e adaptou-se à realidade.

As funções do aparato cognitivo abrangem a utilização de informação instantânea, mas também as formas mais desenvolvidas, como a inteligência. Os processos superiores de cognição, tipicamente humanos, são os fundamentos da sociedade e da cultura. A vida social dos primatas forneceu a base para o pensamento conceptual, a linguagem sintáctica e a tradição cumulativa.

No homem contemporâneo, a vida cultural e intelectual são inseparáveis. A herança das características adquiridas, transmitida pela tradição, resulta num novo aparato cognitivo que abrange os processos de assimilação e as retenções de informação. O nosso aparato perceptivo inato integra-se numa super-estrutura cultural. Esta, como os mecanismos cognitivos inatos, fornece-nos hipóteses que determinam o curso à procura do conhecimento.

Dois processos cognitivos são fundamentais para a organização da cultura: a imitação e a tradição. O comportamento imitativo é um pré-requisito do pensamento abstracto, essencial na integração de certas funções da tradição. O conhecimento individualmente obtido é transmitido de um indivíduo para o outro pela tradição, uma herança de caracteres adquiridos que Lorenz já tinha observado nas galhas.

Quanto mais uma espécie animal evolui, tanto maior é o papel da experiência individual e da aprendizagem, mais o comportamento inato conserva a sua importância, reduzindo-se aos elementos mais simples. A coexistência social implica uma pressão de selecção, resultando um melhor desenvolvimento da faculdade de aprender. Entre os animais sociais, há poucos casos nos quais o conhecimento adquirido por um membro do grupo é transmitido para a comunidade e passado de uma geração para a outra. A tradição humana não depende da presença do objecto com o qual está associada. O pensamento abstracto e a linguagem verbal permitem à tradição humana livrar-se dos objectos. Os símbolos independentes, factos e relacionamentos podem ser estabelecidos sem a presença dos objectos, e, deste modo, permitem a acumulação de conhecimento supra-individual e a sua transmissão por longos períodos. A tradição, independentemente dos objectos concretos, permite que o conhecimento aprendido se torne hereditário. O pensamento conceptual humano é uma síntese de formas anteriores que originam um novo sistema em que diversos mecanismos são integrados. Estes mecanismos evoluíram independentemente e integram-se num sistema superior como resultado da evolução.

A abstracção na percepção gestáltica, a representação central do espaço e o comportamento exploratório são importantes na evolução do homem. A integração dessas faculdades cognitivas foi necessária na evolução no pensamento conceptual. A abstracção do conceito de espaço, a percepção e a formação de imagens abstractas e o comportamento exploratório dos objectos, baseado na curiosidade, ajudam-nos a conhecer melhor o ambiente circundante.



O raciocínio formal e a linguagem surgiram em conjunto. Ambos são responsáveis pela herança de características adquiridas e criam o elo que se estabelece entre os indivíduos.

179

Lorenz também fala sobre as ritualizações culturais que são influenciadas pela tradição e são anteriores à linguagem sintáctica, mas esta é o veículo da tradição e um dos principais factores para a preservação da estabilidade cultural, para o pensamento abstracto e para o comportamento exploratório humano. As únicas simbolizações que correspondem aos conceitos, claramente definidos, são as da linguagem verbal. O desenvolvimento da linguagem verbal pressupõe processos de pensamento conceptual e os da ritualização que codificam o símbolo para esta poder fazer parte da tradição. A linguagem sintáctica é um produto da fusão dos dois processos referidos acima.

O conhecimento comum mantém a sociedade unida e origina vários tipos de habilidade, objectivos e valores comuns que constituem a cultura.

Lorenz, com a articulação dos diferentes conceitos da Biologia, da Psicologia e da Filosofia, faz uma tentativa de integrar processos cognitivos e processos emocionais na base dos valores ligados ao conhecimento, como ocorre na Ética ou na Estética.

Porém, o que Lorenz nos quer lembrar é que, apesar de dividirmos os seres vivos na nossa metodologia de análise, temos que manter constantemente em foco que eles são entidades integrais, completas, e que devem ser analisadas, sempre que possível, de forma holística, na sua totalidade.

Para concluir é importante sublinhar a importância da investigação de Konrad Lorenz, no sentido de chamar a nossa atenção para alargarmos o nosso horizonte de visão sobre as Ciências Humanas, envolvendo-o na prática da transdisciplinaridade que nos permitiria "libertar o quadro do saber ocidental do atavismo que a bicefalia epistemológica e os seus inúmeros efeitos colaterais lhe têm imposto."³

Referências bibliográficas

CLARA, Fernando, «Relatividade e Experiência», *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, nº 19 (2007), p. 35-48.

LORENZ, Konrad, *L'Envers du miroir. Une histoire naturelle de la connaissance*, Paris, Flammarion, 1975.

POPPER, Karl, *The Logic of Scientific Discovery*, New York, Basic Books, 1959.

CAMPBELL, Donald, «Evolutionary Epistemology». In SCHILPP, P. A., *The philosophy of Karl R. Popper*, LaSalle, IL: Open Court, 1974, p. 412-463.

Nikolai Hartmann, *New ways of ontology*, Westport, Greenwood Press, 1952.

Piroska Felkai

CEIL

³ CLARA, Fernando, «Relatividade e Experiência», *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, nº 19 (2007), p. 45.